

‘A Mentira Monárquica’: Recensão ao Opúsculo de Alfredo Pimenta

(Pimenta, Alfredo. *A Mentira monarchica: analyse do momento actual da politica portugueza*. Coimbra: Centro Republicano de Coimbra, 1906)

Jorge António Araújo, FLUP

A Mentira Monarchica: Analyse ao Momento Actual da Politica Portugueza é um opúsculo de Alfredo Pimenta (Guimarães, 1882 – Lisboa, 1950), publicado em 1906 pelo Centro Republicano de Coimbra. A análise de um documento desta antiguidade justifica-se pelo facto de a sua leitura se revelar hoje de grande pertinência para a compreensão da época, em vários sentidos.

Desde logo, pelo contexto de produção e publicação do texto, numa Coimbra fervilhante de novos movimentos académicos e políticos¹, que então coexistem, e praticamente em vésperas da greve de 1907. Também porque a publicação deste opúsculo espelha bem o modo como a propaganda republicana se pretende afirmar: com base em «princípios científicos e progressivos»² – racionais e positivistas, diríamos nós – e por via da imprensa, dos comícios, dos livros... – segundo consta da própria nota introdutória, da autoria do Centro Republicano de Coimbra. Finalmente, porque se trata de um texto de grande relevância para a percepção das particularidades do pensamento de Alfredo Pimenta, nesta fase, e das profundas mutações que ao longo do tempo sofreu.

Alfredo Pimenta, que durante a sua vida se afirmou, primeiro, anárquico, depois republicano e, finalmente, monárquico³ – e um monárquico *tradicionalista* – pertence ao grupo dos republicanos que logo após os primeiros anos do novo regime dele se desencantaram⁴, neste caso a partir de 1915 e do fracasso do almeidismo⁵. Ainda assim, à época em que escreve *A Mentira Monárquica*, Alfredo Pimenta é um assumido republicano, influenciado na sua visão sobretudo pelas doutrinas de três autores: Nietzsche, Stirner – estes dois fundamentais na etapa anterior do seu pensamento e anarquismo – e Comte – decisivo para a sua adesão ao positivismo e ao republicanismo⁶. A influência deste último encontra-se bem patente no opúsculo em análise, com várias referências às suas teorias, que servem para explicar como a monarquia constitucional é vista pelo autor enquanto sistema político *estacionário*,

¹ Os centros republicanos, os centros democráticos, o centro de democracia cristã, os grupos monárquicos, entre tantos outros movimentos que de então se conhecem, mais visíveis ou mais secretos.

² PIMENTA, Alfredo – *A Mentira Monarchica*, p. 3.

³ Mesmo sendo conhecidas as suas palavras, em carta a David Ferreira, de 1922: «O que estava dentro do meu anarquismo encontra-se dentro do meu republicanismo e mantém-se dentro do meu monarquismo – à parte evidentemente certas particularidades e certos aspectos secundários». Cit. por BRITO, António José de – *Para a compreensão do pensamento contra-revolucionário*, p. 69.

⁴ «Como muitos outros da sua geração, passou de republicano extremista a monárquico não menos extremista». RAMOS, Rui – *Pimenta, Alfredo*, p. 80.

Neste grupo podemos incluir, como exemplo, o nome de António Sardinha, que chega a pertencer ao Centro Republicano Académico de Coimbra. Cf. DESVIGNES, Ana Isabel Sardinha – *António Sardinha (1887-1925): um intelectual no século*, p. 110-118.

⁵ RAMOS, Rui – *Pimenta, Alfredo*, p. 80.

⁶ Cf. BRITO, António José de – *Para a compreensão do pensamento...*, p. 37-43.

«ponto intermédio das doutrinas retrogradas e das doutrinas revolucionárias»⁷, que, porém, não pode durar, por não conseguir harmonizar «dois poderes antagónicos e inconciliáveis: a hereditariedade régia e o poder de origem divina (característica da realeza) e a soberania popular nos parlamentos (característica da democracia)»⁸.

Toda a primeira parte do opúsculo é, aliás, dedicada à procura de uma «demonstração positiva»⁹ que justifique a restante exposição. E para isso Alfredo Pimenta serve-se de conceitos e autores da biologia, da filosofia, da sociologia e, claro, da história¹⁰. Como exemplo, recorre ao conceito de selecção natural para caracterizar a monarquia como um «regímen gasto»¹¹, em estado de degeneração e quase morte¹², colocado em luta pela sobrevivência «perante a invasão de novas instituições cheias de força e animadas de espírito progressivo»¹³. Nessa luta, porém, a monarquia não surge sozinha, sendo sempre posta em aliança pelo autor com a Igreja Católica, também esta vista em confrontação desde o final da Idade Média¹⁴. À monarquia, ao catolicismo e ao pensamento dogmático Pimenta contrapõe a república, o racionalismo, o livre-exame e a crítica à Igreja.

Para além desta oposição, o autor transmite com clareza os principais motivos de crítica da época, que vê como decorrentes do processo de decomposição do sistema político monárquico. Da corrupção ao rotativismo, do caciquismo à instabilidade económica e social, da relação com a Inglaterra ao clima de intimidação, passando pela perseguição aos republicanos, o endurecimento do regime e os escândalos do tempo. Tudo isto Alfredo Pimenta traz à colação, evocando factos e episódios ilustrativos, com os quais procura validar a sua imagem da decomposição monárquica. Como contraponto, enaltece algumas das principais etapas do republicanismo em Portugal: a organização do partido republicano; as campanhas contra a venda de Lourenço Marques, pelo Centenário de Camões e contra o *Ultimatum*; a tentativa de revolução de 31 de Janeiro de 1891; a consequente desorganização do movimento e a sua posterior recuperação; a eleição de deputados republicanos e as acções pelas quais adquirem notoriedade, entre outras.

Do texto salientam-se ainda ferozes críticas e acusações à acção do rei D. Carlos, estendidas por Alfredo Pimenta a toda a dinastia de Bragança, desde sempre, segundo o autor, errática e perseguidora da *união ibérica*. A partir dessa crítica Pimenta desenvolve toda uma tese explicativa da ideia de «federalismo peninsular»¹⁵, que defende, considerando-a «coisa bem diferente»¹⁶ de uma união ibérica. A esta matéria o autor dedica uma importante parte do seu opúsculo, procurando contrariar aquilo que

⁷ PIMENTA, Alfredo – *A Mentira Monarchica*, p. 7.

⁸ IDEM, *Ibidem*.

⁹ IDEM, *Ibidem*, p. 8.

¹⁰ Usa-a como meio de legitimação do seu discurso: «Deste rápido enunciar de factos que não são deste ou daquele, que não são a opinião pessoal de ninguém, mas que se encontram na história...». IDEM, *Ibidem*, p. 19.

¹¹ IDEM, *Ibidem*, p. 5.

¹² Como se de um verdadeiro ciclo biológico se tratasse.

¹³ IDEM, *Ibidem*.

¹⁴ Cf. IDEM, *Ibidem*, p. 6.

¹⁵ IDEM, *Ibidem*, p. 16.

¹⁶ IDEM, *Ibidem*.

seriam as deturpações ideológicas e as tentativas monárquicas «para desprestigiar o partido republicano»¹⁷.

A *Mentira Monárquica* trata-se, portanto, de um texto ideologicamente bastante completo, que num pequeno número de páginas (19, para sermos mais precisos) consegue condensar e transmitir muito daquilo que era o pensamento republicano e os principais ataques à monarquia. É, nesse sentido, um documento que reflecte com grande nitidez o que seria o espírito da época, em vários domínios. A maior crítica que lhe podemos fazer prende-se, talvez, com o facto de o próprio autor posteriormente o ter ultrapassado e recusado muito do que então escreveu – para além de serem propostos novos dogmas, em substituição dos antigos, de carácter racionalista, igualmente ultrapassáveis.

Referências Bibliográficas

BRITO, António José de – *Para a compreensão do pensamento contra-revolucionário: Alfredo Pimenta, António Sardinha, Charles Maurras, Salazar*. Lisboa: Hugin Editores, 1996. ISBN 972-8310-24-2.

DESVIGNES, Ana Isabel Sardinha – *António Sardinha (1887-1925): um intelectual no século*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2006. ISBN 972-671-177-0.

GONÇALVES, António Manuel – PIMENTA, ALFREDO. In SERRÃO, Joel, dir. – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, imp. 1992. vol. V, p. 77-79.

PIMENTA, Alfredo – *A Mentira monarchica: analyse do momento actual da politica portugueza*. Coimbra: Centro Republicano de Coimbra, 1906.

RAMOS, Rui – Pimenta, Alfredo. In BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena, coord. – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 2000. ISBN 972-661-167-9. Vol. IX, p. 80-82.

¹⁷ IDEM, *Ibidem*.